

TEM NA MÃO UM LIVRO.

O livro usa uma potente tecnologia:
junta letras que se transformam em

palavras.

A PALAVRA ESCRITA É PERIGOSA.

Dos traços que formam a palavra escrita nascem

MUNDOS E MONSTROS,

ANJOS E HOMENS,

PUNHAIS E BEIJOS.

Tem na mão um livro, a forma mais

silenciosa e sublime

de gerar pensamento e emoção.

AGORA SÓ É PRECISO

VIRAR A PÁGINA

REVOLTADA

A presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico.

TÍTULO ORIGINAL: *Révoltée*

TÍTULO: *Revoltada*

AUTOR: Evgénia Iaroslavskaia-Markon

© Editions du Seuil, 2017

© Guerra e Paz, Editores, S.A., 2017

Reservados todos os direitos

TRADUÇÃO DO RUSSO: Nonna Pinto

TRADUÇÃO DO FRANCÊS: Helder Guégués (Prefácio de Olivier Rolin)

REVISÃO: Ana Salgado e Inês Figueiras

DESIGN DE CAPA: Ilídio J.B. Vasco

PAGINAÇÃO: Gráfica 99

ISBN: 978-989-702-322-4

DEPÓSITO LEGAL: 430900/17

1.ª EDIÇÃO: Outubro de 2017



GUERRA & PAZ

GUERRA E PAZ, EDITORES, S. A.

R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq.

1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488

Fax: 213 144 489

E-mail: guerraepaz@guerraepaz.net

www.guerraepaz.net



VASP

DISTRIBUIÇÃO

VASP – DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES, S. A.

Venda Seca – Aigualva / Cacém

TEL.: 214 337 000 | www.vasp.pt

REVOLUÇÃO

EVGÉNIA IAROSLAVSKAIA-MARKON

PREFÁCIO DE **Olivier Rolin**

POSFÁCIO DE **Irina Fligué**

TRADUÇÃO DO RUSSO: **Nonna Pinto**

TRADUÇÃO DO FRANCÊS: **Helder Guégués** (Prefácio de Olivier Rolin)

NÃO FICÇÃO · BIOGRAFIAS

Índice

PREFÁCIO DE OLIVIER ROLIN	9
A MINHA AUTOBIOGRAFIA, POR EVGÉNIA IAROSLAVSKAIA- -MARKON	17

ANEXOS

I. INQUÉRITO DE INVESTIGAÇÃO DE E. I. IAROSLAVSKAIA DE 12-01-1931	97
II. DESPACHO DE ACUSAÇÃO	101
III. EXTRACTO DO PROTOCOLO DA SESSÃO DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO LOCAL DA OGPU	107
IV. EXTRACTO DO RELATO DE UM GUARDA	109
«JURO QUE ME HEI-DE VINGAR ATRAVÉS DA PALAVRA E DO SANGUE», POSFÁCIO DE IRINA FLIGUÉ	117

Prefácio

A fotografia desta mulher, de perfil, grave, até com qualquer coisa de inflexível que impressiona logo à primeira vista, vestida com uma capa grossa que parece um capote de soldado, é uma velha dama encantadora, hoje em dia morta, que ma mostrou pela primeira vez nas ilhas Solovki, em 2012, entre outras fotos de deportados. Antonina Sotchina era historiadora, uma das memórias deste lugar cuja impressão, feita de beleza e sofrimento, desde que a recebemos, não mais se apaga. Fortaleza estendida sobre o mar, erichada de altos chapéus de feiticeira das torres e das cúpulas escamosas das catedrais, magnífica e maléfica, a cerca do Mosteiro das Solovki abrigou, desde o início dos anos 20 do século passado, aquele que foi o primeiro campo do *gulag*. No interior das suas veneráveis paredes, feitas de blocos ciclópicos, começou a ser desenvolvida uma das grandes máquinas de matar dos tempos modernos.

A fotografia, explicou-me Antonina, era de um condenado ao que a linguagem da polícia política chamava «a maior medida de protecção da sociedade». Tinha

sido executada no início dos anos 30. Durante muito tempo, eu não soube nada mais. Continuei a estar interessado na história trágica das ilhas Solovki, mas por outros meios: filmei um documentário sobre a biblioteca desaparecida do campo, escrevi um livro, *Le Météorologue*, sobre o destino de um dos detidos. Não sou, por essa razão, um especialista na Rússia ou sequer nas Solovki. Um escritor não deve ser especialista em nada. Um escritor deve ser um curioso, um insatisfeito, um escrupuloso. Nestas histórias de outro tempo, de outro país, senti que tinha de aprender coisas que falam de nós – das esperanças, das ilusões, lendas, mentiras e infâmias do século de que saímos. A história do comunismo real não diz respeito apenas aos russos. Ao trabalhar no filme, no livro, pude contar com a ajuda generosa e erudita da responsável da associação Memorial de São Petersburgo, Irina Fligué. Não saberei dar melhor ideia dela do que retomar o rápido retrato que dela fiz na obra *Le Météorologue*: «Magra, intensa, apaixonada, não deixando o telefone a não ser para fumar um cigarro (se bem que se arranje muito bem com ambos ao mesmo tempo), ela emana esse entusiasmo desinteressado que faz, por vezes, a beleza da figura, tão depreciada actualmente, do militante.»

Durante todo este tempo, não esqueci completamente a jovem mulher da fotografia. Na obra *Le Météorologue*, evoquei brevemente a figura desta «mulher extraordinária» que, no campo, «pôs um dia à volta do pescoço um cartaz em que escrevera “Morte aos tchekistas”». Não podia permanecer um simples cliché.

A força, a violência mesma que emanavam deste perfil de guerreira pareciam pedir uma história. Era preciso que estes traços ganhassem vida, falassem. Podia-se pensar que se tratava de uma dessas fotografias feitas pelos assassinos da GPU¹ para identificar as suas vítimas. Na realidade, foi feita em Berlim em 1926: foi Irina que mo disse. Ninguém poderia melhor do que ela dizer-me quem era Evgénia Markon, filha da burguesia intelectual judia de Petrogrado, mulher do poeta Aleksandr Iaroslavski, anarquista, ladra, deportada para as Solovki, condenada à morte, executada aos vinte e nove anos: fora ela que descobrira, nos arquivos do FSB, ex-KGB, a sua «autobiografia», redigida pouco antes da sua execução. É o documento que vamos ler.

A impressão que deixa é profunda, e não apenas porque foi escrito *em artigo de morte*. Raramente li testemunho de uma alma tão inclinada ao absoluto (velhas palavras, palavras à Dostoiévski, mas que outras aqui?). Absoluto da paixão amorosa como da paixão política, que parecem como que fundidas no fogo desta curta vida. Extraordinário excerto no qual, numas quantas linhas, evoca o terrível acidente que a deixou inválida, que ela quase se esqueceu de mencionar: com efeito, o que é isto «em comparação com este amor tão grande que era o nosso, esta felicidade tão ofuscante?» Pode-se achar inquietante esta propensão para o extremo, mas não podemos de maneira nenhuma qualificá-la de fanatismo: «o espinho do perdão universal» ainda está nela, que se afasta radicalmente da implacável determinação do terrorista. A violência dos seus sentimentos,

o pendor abrupto do seu carácter fazem, se quiserem, uma heroína assaz «russa», mas, então, ao contrário do nihilismo de Netchaev ou do Verkhovenski de *Démons*. Ela não hesitaria nem um pouco, disse, em matar um agente da Tcheka no exercício das suas funções, mas salvá-lo-ia se estivesse a afogar-se. Ela acha que os algozes, até os que executaram o seu marido, são eles mesmo vítimas que ela devia «vingar» se permanecesse viva: confesso que não compreendi bem, ao início, a frase em forma de juramento em que ela toma este compromisso, perguntando a mim próprio (Valéri Kislov que me perdoe!) se não era um erro de tradução, mas não, era mesmo isto, ela jura vingar, com os poetas assassinados, aqueles que os assassinaram, porque eles não sabem o que fazem.

Pode parecer estranha a sua convicção de que os vadios são a única classe verdadeiramente revolucionária. Ela afirma para estabelecer de forma racional, sem qualquer estética ou moral. (Estranho, e, contudo, não é certo que crenças semelhantes não existem entre nós, hoje em dia.) Ela pretende estabelecer racionalmente, fora de qualquer consideração estética ou moral: eles constituem a única «classe» que está segura de jamais ocupar o poder. A sua demonstração visa secar um enunciado de física política (esta apaixonada confessa também uma paixão pela ciência). No entanto, é evidente que a sua adesão ao submundo, a sua escolha de uma vida de ladra e de errante obedecem a uma inclinação mais profunda, mais romanesca, menos reduzível à fria análise das forças sociais. Sente-se um verdadeiro

entusiasmo pelo mundo à margem. Os olhos de um prisioneiro libertado, durante a revolução de Fevereiro de 1917, são tão claros que não podem pertencer, pensa ela, senão a um assassino – ou a um santo. O inebriamento que ela experimenta ao roubar, e que descreve muito bem, não diz respeito somente a um cálculo, mas à exaltação da vida perigosa. «Roubar dava-me verdadeiro gozo.» O seu relato faz-nos reparar num mundo de pequenos rufias e prostitutas, de gente sem eira nem beira e de miúdos de rua, demasiado afastado da Moscovo do imaginário soviético. A sua paixão, que ela viveu com a sinceridade, o ardor que punha em tudo, reapareceu com uma despreocupada obstinação até à catástrofe final. O cálculo político tem de se dizer que se revelou inteiramente falso. Ela enganou-se redondamente ao ver no submundo a armada irregular da revolução permanente. Todos os grandes testemunhos sobre os campos, de Soljenitsin a Chalamov, de Evgénia Ginzburg a Iuli Margolin, são unânimes em descrever os presos de delito comum, os *urkas*, como os auxiliares da administração do *gulag*, os inimigos ferozes dos presos políticos.

Ter-se enganado não tira nada à sua coragem, que força à admiração. Quando ela quer alguma coisa, quer-a até ao fim, nas suas últimas consequências. Quando ela pensa em qualquer coisa, pensa-a e proclama-a até ao fim, sem respeito nenhum pelo perigo em que incorre. Nada ela despreza mais do que as declarações que não se comprometem com coisa nenhuma, o que hoje em dia chamaríamos posturas (e sabe Deus como nos habituámos

a elas). A consideração do perigo não parece fazer parte da sua relação com o mundo. A maioria das vítimas do terror estalinista acabaram por «confessar» crimes imaginários que faziam parte da lista. Ela, ela proclama livremente, deseja consignar pela sua mão as opiniões, de entre as quais a menor, ela sabe-o, acarreta a morte. No processo verbal – redigido por ela própria! – do seu interrogatório, ela diz pugnar pelas insurreições camponesas, a deserção das fileiras do Exército Vermelho, as sublevações nos campos e até «os actos terroristas isolados contra os agentes da GPU»! Não sei se há outro exemplo de uma intrepidez tão brilhante, de uma liberdade tão insolentemente afirmada nas cadeias.

O *Sekirnaia gora*, o monte Sekirnaia, fica a noroeste da grande ilha de Solovki. A palavra *gora*, «monte», é um pouco empolada para designar uma elevação que não atinge a centena de metros, mas é, ainda assim, demasiado escarpada, o ponto culminante da ilha, do cimo do qual se descobre uma paisagem infinitamente plana: florestas abertas por lagos, cercadas pelo mar. Uma igreja ultrapassada por um farol, envolvida por um pequeno mosteiro, foi aí construída, dedicada à Ascensão e ao arcanjo Miguel. Na época do campo, foi lá que se levavam a cabo as execuções. Foi lá que puseram fim à vida impetuosa de Evgénia Iaroslavskaia-Markon, num dia de Junho de 1931. Poucos meses depois da execução do marido, Aleksandr Iaroslavski, que acreditava na possibilidade de uma imortalidade terrena. Ao pé do monte, entre a vegetação rasteira, cruzeiros assinalam «9 *tchelovek*», «3 *tcheloveka*», «26 *tchelovek*», etc.: nove,

três, vinte e seis indivíduos. São as valas comuns. Mas a cruz não convém à última morada de Evgénia, ardente propagandista do ateísmo (além de família judia), como não lhe convém a estrela de lata² soviética. Aqui jaz uma revoltada³, sem partido, sem Deus e sem mestre.

Olivier Rolin

NOTAS

¹ Sigla de Gossudárstvennoe Politítcheskoe Upravlénie (Administração Política Estatal). Foi o órgão de segurança, criado em 6 de Fevereiro de 1922 por proposta de Lenine, que sucedeu à Tcheka. A 15 de Novembro de 1923, a GPU foi reorganizada na OGPU (Administração Política Estatal Unificada), já com poder em toda a URSS. (*N. do T.*)

² Emblema da União Soviética. Quando as forças russas fugiam das frentes austríaca e alemã, acabaram por se encontrar em Moscovo em 1917, onde se misturaram com as guarnições locais. Para distinguir as tropas moscovitas do afluxo de russos fugitivos, os oficiais distribuíram estrelas de lata aos soldados de Moscovo para as usarem nos quepis. Quando essas tropas se reuniram ao Exército Vermelho e aos Bolcheviques, pintaram as estrelas de vermelho, a cor do socialismo. (*N. do T.*)

³ O posfácio de Irina Fligué explica-nos em que condições foi redigido o relato autobiográfico de Evgénia Iaroslavskaia, que evidentemente não tinha título. Fui eu quem lhe deu o de *Revoltada*, que não me parecia trair o autor. Também lhe poderia ter chamado *Rebelde*. (*N. de O. R.*)

A minha autobiografia

por **Evgénia Iaroslavskaia-Markon**

Aviso desde já: não se surpreenda e não se emba-
race com a minha sinceridade. Afinal estou con-
vencida de que a sinceridade é sempre vantajosa
para o Homem, porque, mesmo que sejam negros os seus
pensamentos e acções, eles, ainda assim, são muito mais
claros do que aquilo, do que, ademais, sobre eles pensam
os outros em redor... Eu, ainda na infância, sempre pen-
sei – seria tão bom, se eu, assim como todas as outras pes-
soas, fosse transparente, bem, como se fôssemos feitos de
vidro, e, através da caixinha de vidro, transluzissem e fos-
sem visíveis todos os nossos pensamentos, desejos, os ver-
dadeiros motivos das nossas acções; se assim fosse,
qualquer um via o outro da maneira como ele pensa sobre
si mesmo; e de facto qualquer um de nós está longe de
pensar mal sobre si mesmo!

Mais aviso que escrevo esta autobiografia não para
vós, órgãos de investigação criminal (se precisassem
dela, nem um pouco que fosse, eu jamais a escreve-
ria!...), quero simplesmente «gravar» a minha vida no
papel, mas papel, sem ser o do ISO (Divisão de Investi-
gação e Informação da Administração do Campo de

Prisioneiros Solovki), não consigo arranjar em lado nenhum (o papel da nossa União desapareceu – não é por acaso que a indústria está a renascer e a economia está a dar sinais de retoma). Escrevo para mim mesma. Escrever distorcendo a realidade não é interessante. Para mais, não tenho nada a perder. É por isso que sou sincera.

Nasci no dia 14 de Maio de 1902 no bairro de Zamoskvoretchie, na Rua Bolshaia Polianka. Cresci sob a acção de três forças equivalentes: em primeiro lugar, a influência do meu pai¹ – cientista (filólogo e historiador hebraísta), um homem de feição talvez mais europeia ocidental do que russa, um apreciador, tanto na vida como na sua ciência, do concreto, do minuciosamente pormenorizado e do rotineiro. Os olhos dele estavam voltados para a Idade Média, mas não, de modo algum, para a Idade Média mística dos medievalistas de pendor filosófico, mas para a vida do dia-a-dia na Idade Média (assim, por exemplo, o tema favorito das palestras do meu pai era «Os peregrinos judaicos medievais») – de mais a mais na Baixa Idade Média, com travo a Renascimento e Reforma. Vem do meu pai a minha paixão por essa época e a minha paixão pela ciência em geral – não se trata de uma ânsia árida pelo conhecimento e pela aplicação do conhecimento à vida, mas é uma paixão pela ciência como algo colorido, imaginativo e, acima disso, já bem familiar, querido, quase paternal... Também do meu pai herdei o modo irónico e alegre de pensar; mais certo é que devo isso ao facto de ter estudado Filosofia, evitado as brumas da metafísica

e elegido para mim as disciplinas exactas, bem definidas: a lógica e a teoria do conhecimento. Mais herdei do meu pai a capacidade de observação, curiosidade por qualquer forma de psicologia e por todos os hábitos da vida (isso, em parte, levou-me mais tarde a fazer experiências sociais, ao desejo de estudar e aprender os hábitos dos «meliantes», mas apenas em parte...).

A segunda «força» foi a influência dos irmãos e irmãs da minha mãe. Esta era uma família de intelectuais a favor da revolução, impulsionadores do movimento de 1905, humildes, honestos até não poder mais, intransigentes até à loucura, cheios de convicções até à perda de perspicácia – funcionários políticos. Sob a sua influência, comecei a sofrer de vergonha da saciedade tranquila do lar paterno – a envergonhar-me de não me ter calhado passar pela crise de fome e pobreza, e, sobretudo, a ter vergonha de estar a crescer como uma espécie de «menina da mamã», protegida de todas as tempestades, bem cuidada (devo dizer que cuidavam de mim impenitentemente – não me deixaram sair sozinha à rua até aos catorze anos e até aos catorze eu ia ao liceu acompanhada pela minha governanta!); ora, por isso é que eu estava sempre a sonhar como seria bom viver numa cave, tal como a filha de uma lavadeira do nosso prédio, ter um lenço na cabeça em vez de chapéu (o chapéu é a «marca de Caim» de origem burguesa), correr descalça e trabalhar numa fábrica desde criança... A consciência de que, quando crescesse, me tornaria combatente revolucionária na clandestinidade foi para mim uma decisão tomada de forma irrevogável; mas

mais doce ainda era um outro íntimo sonho meu: renunciar a tudo que tinha que ver com a intelectualidade, até mesmo a educação – renunciar, dispensar-me das aulas, dispensar-me da família para entrar numa fábrica para sempre, como simples trabalhadora, e até casar-me não com um intelectual, nem com um líder revolucionário, mas, muito pelo contrário, com um simples operário... E até era capaz de verdadeiramente sair de casa, se não tivesse tanta pena do meu pai e da minha mãe – só me têm a mim.

A terceira «força» foi o impacto da governanta alemã, que cuidou de mim a partir dos três anos de idade. Foi a irrepreensível franqueza dela, tipicamente germano-burguesa, que deu origem à minha sinceridade, que muitos reputam de garrulice ingênua (talvez estes «muitos» até tenham razão!...). Esta mesma velhinha alemã foi capaz de incutir em mim o amor pela Natureza, o tocante carinho pela antiguidade e até – um pouco estranho para a filha de Moscovo como sou – patriotismo relativamente a tudo o que é alemão. A literatura alemã, a língua alemã, as paisagens da Alemanha, o Reno alemão – ainda me encham de comoção. Até a monarquia dos Hohenzollern jamais me causava tanto asco como a monarquia dos Romanov... E finalmente, terminando com o facto de que quem de mim cuidava era uma velha solteirona – explica que nunca, durante toda a minha vida, tenha sabido vestir-me com gosto e elegância; até os anos mais tenros da minha juventude os passei vestindo as roupas extraordinariamente resistentes, feitas de vestidos da minha mãe, um pouco

grosseiras, desajeitadas e intencionalmente fora de moda. A roupa estava sempre em segundo plano nos meus interesses; não só os interesses culturais, como literatura e arte, mas também um bom prato me interessavam e me interessam muito mais do que a mais esbelta vestimenta.

Simplesmente criança fui eu até aos seis anos... Entre os seis e os doze, formaram-se as minhas primeiras três ideias – das duas últimas nunca na minha vida me consegui separar. A primeira ideia – o vegetarianismo; a segunda ideia – o egoísmo absoluto («mesmo sacrificando-se a si próprio, o homem faz isso a seu favor, para evitar o sofrimento e com a consciência do seu heroísmo a satisfazer, mesmo por um só minuto, o seu desejo de prazer...»). Muito mais tarde, passados cerca de dez ou doze anos, li estas minhas convicções expostas por Stirner, que nunca antes havia lido. A terceira ideia – a ideia de pureza universal, irresponsabilidade e inocência das pessoas pelas suas acções: uma cadeia de causas dependentes da complexidade do mundo, e não dependentes de ninguém em particular, constrói o carácter de cada pessoa, e este, quando confrontado com determinadas circunstâncias, influencia com uma inevitabilidade impiedosa, e não pode não influenciar, exactamente aquelas e não outras circunstâncias. O assim chamado «torpe», do mesmo modo, tem pouca culpa de que a hereditariedade, o meio ambiente, e até mesmo as ditas «aleatórias» – as circunstâncias preponderantes, qualquer coisa como um choque, sofrido pela sua mãe durante a gravidez, ou uma

impressão fugaz de uma conversa de pessoas completamente estranhas, escutada casualmente na primeira infância – tudo, em suma – tenham contribuído para ele acabar por ser «torpe» – como não tem culpa uma folha impressa «imperfeita», saída, por qualquer motivo, da máquina tipográfica... A imperfeição pode ser removida e, por vezes, até mesmo destruída, mas como se pode culpá-la?! Esse espinho do perdão universal trago eu dentro do peito até neste preciso momento em que, odiando o sistema – por exemplo, o vosso sistema «soviético» –, nunca transfiro o meu ódio para as pessoas. E, se eu visse um polícia da Tcheka² a afogar-se durante o banho, então, sem hesitação, estender-lhe-ia a mão para lhe salvar a vida – isto, é claro, não me impede de, estando esta mesma pessoa a desempenhar os seus cargos, a fuzilar como a um cão (ou como a um polícia da Tcheka; isso é, efectivamente, a mesma coisa). Um trapo sujo não tem culpa de ter sido usado para limpar a retrete, mas se o trapo sujo ficar demasiadamente à vista tem de ser deitado para o lixo!...

Um ano da minha vida, dos doze aos treze anos, foi um ano perdido. Este foi o único ano em que não me reconheço a mim própria. Durante toda a minha vida, tanto antes como depois, fui honesta, quando tinha apenas três anos de idade, a minha mãe confiava na minha palavra de honra – como se estivesse escrita na pedra – e, de repente, aos doze anos comecei a ser extremamente mentirosa, hipócrita e até mesmo frívola – as ideias que até esta altura faziam parte da minha vida passaram-me a interessar apenas com o fim de fazer alguém perder a